# A solução da terceira antinomia na Crítica da razão pura[i] - 31/01/2021

Tese: A causalidade segundo as leis da natureza não é a única de onde podem  
ser derivados os fenômenos do mundo no seu conjunto. Há ainda uma causalidade  
pela liberdade que é necessário admitir para os explicar (B472).  
  
Antítese: Não há liberdade, mas tudo no mundo ocorre unicamente em virtude das  
leis da natureza (B474).  
  
A antinomia é cosmológica, isto é, se refere ao mundo enquanto fazendo parte  
do sensível, algo imanente. Não há problema com uma ideia psicológica (alma)  
ou teológica (Deus) visto que já são essas ideias próprias transcendentes e  
não se referem a um dado da natureza sensível. O problema da ideia de mundo é  
que ela envolve uma totalidade que, quando investigada, não se da na  
experiência[ii]. Como podemos pensar na totalidade de um mundo em sua séria  
infinita (ou indefinida) de eventos?[iii]  
  
Segundo Kant, nem tese e nem antítese, já que o problema da antinomia é o  
realismo transcendental que acredita que as coisas são subsistentes por si  
mesmas. A solução crítica se da pelo idealismo transcendental que trata de  
fenômenos que são representações sem existência fundamentada em si. Ou seja, o  
erro é considerar fenômenos como coisas em si e a liberdade transcendental[iv]  
é resultado dessa falácia.  
  
Então, a antinomia ocorre por essa busca da razão por condições  
incondicionadas dos fenômenos da experiência, quando ela vai além cria ideias  
transcendentais. Sobre as antinomias cosmológicas:  
  
· As teses são dogmáticas, com elas podemos nos pensar livres e ela pressupõem  
um ser originário, postulado também pelo entendimento comum.  
  
· As antíteses são empiristas, eliminam a força da moral e da religião e  
pautam o regresso infinito, se limitando à experiência, pois é uma posição  
dogmática com relação às ideias.  
  
O idealismo transcendental tenta resolver a antinomia tratando o sensível pela  
sua causalidade natural e o inteligível pela causalidade por liberdade. No  
erro da antinomia que, fora da crítica, supõe apenas um âmbito (fenômeno é  
coisa em si) há uma tendência para a antítese. Porém, para o idealismo  
transcendental, o fenômeno não existe fora do pensamento. Como a liberdade é  
uma ideia transcendental pura não extraída da experiência, não conseguimos  
efetivá-la, ela não acontece porque tudo na experiência tem causa.  
  
O idealismo transcendental põe um sujeito do mundo dos sentidos com caráter  
sensível (fenômeno) e caráter inteligível (não sujeito ao fenômeno). Esse  
sujeito pertence a dois mundos: determinado e livre, esse último saindo do  
campo especulativo, onde não há conhecimento. Há o sentido “ter que” da  
natureza e o “dever” que traz a liberdade (ação possível), possibilidade de  
não seguir imperativos da razão (não de estímulos naturais como em Hobbes ou  
Spinoza)[v].  
  
A solução crítica compatibiliza "a possibilidade" da liberdade e causalidade  
por natureza (tese e antítese) e abre caminho para a filosofia prática (e ir  
além do empirismo[vi]) pois só existirá liberdade prática se existir liberdade  
transcendental. Pinzani ainda traz na argumentação que essa noção é o cerne do  
pensamento kantiano, pois ele vinculara toda a sua filosofia ao interesse da  
razão pela liberdade. Mas que o próprio Kant adverte na CRP:  
  
“Além disso, nem sequer pretendemos demonstrar a possibilidade da liberdade;  
nem tal se conseguiria, porquanto não se pode conhecer em geral nem a  
possibilidade de qualquer princípio real, nem de qualquer causalidade,  
mediante simples conceitos a priori: a liberdade é aqui tratada apenas como  
ideia transcendental mercê da qual a razão pensa iniciar absolutamente, pelo  
incondicionado do ponto de vista sensível, a série das condições no fenômeno.”  
  
Então, não há como provar positivamente a liberdade transcendental, porém sem  
uma ideia ao menos teórica dela, o homem não pode se responsabilizar por suas  
ações. Mas Kant consegue criar uma ponte entre os usos da razão, vista como um  
sistema único.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme 3 em  
<https://www.academia.edu/8116094/SOBRE\_A\_TERCEIRA\_ANTINOMIA>, Alessandro  
Pinzani, acessado em 28/01/2021. Já falamos disso em \_Um caminho para a  
liberdade em Kant\_ (<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/06/um-  
caminho-para-liberdade-em-kant.html>).  
  
[ii] Marquemos o ponto que na antinomia não aparecem nem fenômeno e nem coisa  
em si.  
  
[iii] Ajuda a esclarecer os termos:  
<http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/download/39788/95769/>, em  
31/01/2021.  
  
[iv] Transcendental 1: análise da razão a priori, sem objeto. Transcendental  
2: distinção crítica que separa o que conhecemos como fenômeno e o que  
pensamos como coisas em si.  
  
[v] Na nota 83, Pinzani aponta para problemas advindos quando se pensa em uma  
estrutura racional humana, problemas da filosofia da consciência. Em \_A queda:  
quando o sujeito se torna interlocutor\_  
(<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/01/a-queda-quando-o-sujeito-se-  
torna.html>) falamos do aspecto linguístico, mas ele cita ainda questões  
neurológicas que podem interferir na estrutura racional de produção de moral.  
Conforme nota 83: “O raciocínio kantiano pelo qual “se devo praticar a ação X,  
então sou livre de praticá-la ou não” e pelo qual, portanto, o indivíduo é  
sempre plenamente responsável de suas ações, não sobrevive ao ataque conjunto  
das éticas intersubjetivas e das neurociências.”  
  
[vi] Olha o dogma aí gente! O mundo é dado de maneira X (empírica) mas, para  
Kant, essa empiria é muita cética, acaba com o dogma. Daí criar a coisa em si  
para resguardar o inteligível. Mas é pelo menos louvável a atitude de  
esclarecer esses pontos.